

Publica-se
a um e quinze
de cada mês

Mínimo de assina-
tura: 5 núme-
ros, 5 escudos.
(Pagamento
adiantado)

Visado pela
Comissão de
Censura

SOL

mascente

quinzenário cultural de literatura e crítica

de SOL
a SOL

POSTAIS

de FRANCISCO QUINTAL

Homens "standard",

Isto de que vai falar-se opõe-se vivamente à concepção que nós fazemos do valor da personalidade e da individualidade e do papel que estas supremas *atitudes* representam para o ambiente histórico e para a marcha social. Não é a nossa condição de latinos, nem talvez o facto de termos sido educados por um século de liberalismo, o que nos leva a manifestar horror pelo homem «standard» que certos movimentos sociais, como a actualidade alemã, procura insistentemente criar. E' talvez porque em nós vive um mais acentuado conceito de humano, como valor próprio, que magoados nos sentimos ao lêr palavras como as que *Raymonde-Henry* escreveu em *Le Mois* e a revista brasileira *Inteligência* transcreveu: «O que fere sobretudo a atenção do observador, em Nuremberg, (por ocasião do Congresso anual do Partido Nacional Socialista) é o esforço enorme e impressionante para superar o indivíduo. Esses cortejos militares que, dia e noite, passeiam estandartes com a cruz gamada, através da cidade; essa atmosfera constantemente vibrante com o barulho de tambores, de tímbalos, de pratos de cobre, de pífaros e de botas, martelando o pavimento das ruas, em passos de parada; êsses altos falantes que, às esquinas das ruas, gritam o discurso do Führer, ou a hora de chegada de qualquer personagem de importância — tudo isso

A justa concepção de que a arte não é essencialmente a perfeição ou a beleza, será repudiada pela maioria das pessoas e achado de bárbaro o que a apresentar. Mas, reparem nisto: beleza, perfeição, são termos vagos, indefinidos, relativos, ao passo que a arte exige uma significação real, positiva, estável, tão concreta como o é a existência de o artista que a realiza. O que é belo? O que é perfeito? Onde está a unanimidade de vistas sobre o Bem e o Belo? E sendo assim, como identificar a arte—dinamismo, realidade, vida—com essas vagas abstrações sobre as quais dois indivíduos nunca estão de acôrdo e que, no mesmo indivíduo, freqüentemente se alteram? Que o artista busca realizar na sua obra uma perfeição, uma beleza, não existe dúvida. Busca, tende para esse fim, mas nunca o

produz a obsessão desejada, que deixa a cabeça vazia, num atordoamento, acabando na alucinação e no pesadelo».

E esta alucinação e pesadelo farão o homem «standard»; e com o homem «standard» desaparece a grandeza e a epopeia e o génio de qualquer povo — porque estas se devem à porfia de cada nação na busca da sua personalidade, conquistada no direito que seus filhos tenham de ser *personalidades*.

atinge, porque, em arte, não existe uma determinada beleza ou perfeição, para os quais se dirijam os esforços criadores de quantos artistas há. Verdadeiro artista—desde o que trabalha nas belas-artistas ao operário das obras mais humildes—é aquele que executa a sua obra com intensa vontade, com amor, e tão absorvido no seu trabalho e tão desinteressadamente como uma mãe que, serena e comovidamente, espera o nascimento do seu filho, atenta a todos os pormenores da gestação, ou como a larva do sirgo, realizando com toda a mestria um enredado de fios de que será em breve a prisioneira—a prisioneira da sua arte.

E' vulgar ouvir-se dizer a curiosos, embaçacados perante um monumento, um quadro ou *outra coisa*, erecta para o público ver ou comprar, como qualquer pastelão imitando castelo, palácio ou templo oriental, em montra de doceiro: é uma obra de arte! Obra de arte porque, naturalmente, veio lisongear as opiniões do vulgo, satisfazendo-lhe as elementares noções de simetria ou as apaixonantes opiniões políticas ou morais, de que esse público se nutre. E é dentro desta relatividade elástica que as palavras—beleza e perfeição—encontram todo o seu poder fas-

cinador, que satisfaz plenamente os espíritos superficiais, e decepciona os profundos. Como os petizes em frente da montra dos brinquedos, o público contempla e comenta: é lindo! é bonito!; e torna-se implacável se consegue descobrir um senão, uma tortuosidade, uma ofensa à sua elementar e infantil idea do que é a Estética.

Estou, pois, em que o artista pode errar ou afastar-se da visão estética vulgar, sem que se possa afirmar de que, no conjunto, como resultado do seu sonho, ele deixou de realizar a arte, esse fôgo interior que levava Bernardo Palissy ao triunfo após uma vida inteira de quedas, de êrros, de desilusões—e sem que deixasse nunca, mesmo nas ocasiões de derrota, de ser um verdadeiro artista.

Mais para além da beleza e da perfeição, corriqueiras abstrações, muito relativas, está a arte; e verdadeiro artista é o que a concebe, com o espírito invulgar de mostrar ao vulgo um horizonte novo, desvendar um mistério, romper audazmente com a rotina, com o *nil novi sub sole*, quer na feitura de um fato, de uma cabeleira ou de uma mesa, quer na construção de um monumento de vida menos transitória.

